



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12671 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Ensina-se e aprende-se a lutar por reconhecimento? Por um desenvolvimento cognitivo aprendente de teor normativo pela noção de mediação de L. Vygotsky

Artur José Renda Vitorino - PUC/CAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

**Ensina-se e aprende-se a lutar por reconhecimento? Por um desenvolvimento cognitivo aprendente de teor normativo pela noção de mediação de L. Vygotsky**

**Resumo:** Pelo aporte teórico exposto no livro *Luta por reconhecimento*, de Axel Honneth, objetiva-se construir teoricamente uma interlocução da luta por reconhecimento com a psicologia de L. V. Vygotsky, que atribuiu papel central à mediação semiótica no desenvolvimento do pensamento. Pretende-se soldar as contribuições de Axel Honneth de teor normativo com as teses de Vygotski sobre o desenvolvimento do psiquismo humano pelo afeto, percepção, atenção, memória, linguagem, escrita. Conclui-se, em linhas gerais, que quando a luta por autoconservação se faça, em determinadas estruturas socioeconômicas, mais intensa e com capacidade de elidir e de se sobrepor à luta por reconhecimento – tal como exposta por Axel Honneth, pela sua reconstrução teórica hegeliana –, a psicologia de L. V. Vygotsky é um contributo para a elaboração de uma teoria social de teor normativo pelo desenvolvimento cognitivo aprendente no sentido de permitir a efetivação da autorrealização em termos de reconhecimento mesmo em meio à luta por autoconservação.

**Palavras-chave:** Luta por reconhecimento; Mediação semiológica; Axel Honneth; Lev Vygotsky

**Introdução**

Pelo aporte teórico exposto no livro *Luta por reconhecimento*, de Axel Honneth (2003), busca-se construir caminhos coletivos para que as experiências de desrespeitos possam tornar-se uma fonte de motivação para ações de resistência política. Tais experiências de desrespeitos, de uma perspectiva analítica, são as formas de maus-tratos e violação, de

privação de direitos e exclusão e de degradação e ofensa. As formas de maus-tratos práticos, pelas quais são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo, representam a espécie mais elementar de rebaixamento pessoal. A segunda forma de desrespeito são as experiências de rebaixamento que afetam seu autorrespeito moral. Isso se refere aos modos de desrespeito pessoal, infringidos a um sujeito pelo fato de ele permanecer estruturalmente excluído da posse de determinados direitos no interior de uma sociedade. Esse tipo de desrespeito, não representa somente a limitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento de não possuir o status de um parceiro da interação com igual valor, moralmente em pé de igualdade. Para o indivíduo, a denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral. O terceiro tipo de desrespeito constitui-se ainda um último tipo de rebaixamento, referindo-se negativamente ao valor social de indivíduos ou grupos; na verdade, é só com essas formas, de certo modo valorativas, de desrespeito, de depreciação de modos de vida de indivíduos ou coletivas, que se alcança a forma de comportamento que em língua corrente designa hoje as expressões tais como “ofensa” ou “degradação”. E mesmo que os sujeitos humanos não possam reagir de modo emocionalmente neutro às ofensas sociais, representadas pelos maus-tratos físicos, pela privação dos direitos e pela degradação, os padrões normativos do reconhecimento recíproco têm certa possibilidade de realização no interior do mundo da vida social em geral, tendo em visto que toda reação emocional negativa que vai de par com a experiência de um desrespeito de pretensões de reconhecimento contém novamente em si a possibilidade de que a injustiça infligida ao sujeito se lhe revele em termos cognitivos e se torne o motivo da resistência política.

### **Objetivos e os fundamentos teóricos**

Somente uma análise que procura explicar as lutas sociais a partir da dinâmica das experiências morais instrui acerca da lógica que segue o surgimento desses movimentos coletivos. Se aposta, assim, que enquanto o sofrimento de desrespeito da maneira mais ampla imprimiu à pessoa reações negativas que a acompanham no plano psíquico, essa mesma pessoa pode reverter a desvalorização social pela perda de autoestima pessoal, ou seja, uma perda de possibilidade de se entender a si própria como um ser estimado por suas propriedades características, quando ela encontrou arduamente o assentimento social com o encorajamento baseado em solidariedades de grupos, cujo resultado é uma forma de autorrealização em termos de reconhecimento.

Considero, no entanto, necessário indagar empírica e coletivamente: o potencial cognitivo, inerente aos sentimentos da vergonha social e da vexação, ele sempre tende a se tornar uma convicção política e moral? Esta convicção não será dependente de como está constituído o entorno político e cultural dos sujeitos atingidos? Neste sentido, penso que a estrutura socioeconômica, na qual os atores estão muitas vezes enredados, sofrendo direta ou

indiretamente as suas pressões, desencadeia objetivos de autoconservação ou o aumento de poder tende a se tornar o elemento normativo de sua luta social. O efeito, então, será uma luta por autoconservação, pois o que está em jogo prioritariamente é a sobrevivência da sua vida material, porque ela tende a se tornar o impulso de sua força moral. E, nesses casos, o jogo pela autoconservação traduz como secundárias as reações emocionais de vergonha, porque a experiência de desrespeito tende a não gerar o impulso motivacional de uma luta por reconhecimento.

A hipótese, a ser exposta abaixo, é de que a hipertrofia da estrutura social – quando há uma sobreposição da luta pela autoconservação sobre a luta por reconhecimento pelos atores – tende a obnubilar ou mesmo elidir a tensão afetiva em que o sofrimento de humilhações forçaria o indivíduo a entrar no processo de luta por reconhecimento. Mesmo que esta tensão só possa ser dissolvida por ele mesmo na medida em que reencontra a possibilidade de ação ativa.

Afinal, para que essa práxis seja reaberta, faz-se necessário que ela seja capaz de assumir a forma de uma resistência política resultante das possibilidades do discernimento moral que de maneira sólida estejam embutidas naqueles sentimentos negativos, na qualidade de conteúdos cognitivos. Assim, tal conteúdo cognitivo necessita ser descrito e qualificado.

O intento, então, aqui, é mostrar que as concepções psicológicas Lev Vygotsky pelas categorias linguagem e interação permitem alargar, pelos efeitos do desenvolvimento do pensamento, o modelo conceitual hegeliano de uma luta por reconhecimento reformulado por Axel Honneth, na perspectiva de uma teoria social de teor normativo pelo desenvolvimento cognitivo aprendente, por considerar que a estrutura da existência é uma estrutura adquirida e, assim, com possibilidade de as pessoas construírem, por meio de um ensinamento, a sua autorrealização pelo reconhecimento, mesmo quando elas se encontram sob forte pressão da luta por autoconservação.

Objetiva-se, assim, construir teoricamente uma interlocução da luta por reconhecimento com a psicologia de L. V. Vygotsky, que atribuiu papel central à mediação semiótica no desenvolvimento do pensamento. Pretende-se soldar as contribuições de Axel Honneth de teor normativo com as teses de Vygotski sobre o desenvolvimento do psiquismo humano pelo afeto, percepção, atenção, memória, linguagem, escrita.

## **Metodologia**

Para investigar como o psiquismo humano consegue dominar as ferramentas da sua cultura e quais são as consequências desse domínio sobre a gênese das funções psíquicas superiores sob a ótica psicológica vygotskiana, estabelecemos duas formas de abordar o conceito de mediação semiótica: i) abrangendo a consciência como sinônimo de psiquismo humano, matriz do desenvolvimento do pensamento e da linguagem e; ii) o estudo das

funções psíquicas superiores (processos cognitivos e o controle consciente do ato de pensar). Nesta perspectiva, convém postular inicialmente que o estudo interacionista simbólico apresentado por Vygotsky (Tomo I, 2013), cuja ênfase teórica educacional se dá nos processos de aprendizagem, parte do que podemos descrever como planos genéticos de natureza biológicos e sociais.

Para ele, a relação do homem com o mundo é uma relação mediada nos campos psicológicos através de instrumentos. E foi investigando e pesquisando sobre o desenvolvimento psicológico humano, que o autor considerou a linguagem como uma capacidade especificamente humana para aquisição e utilização dos sistemas de comunicação de seu tempo. Diante das características teóricas apresentadas, o estudo do Tomo I de *Obras Escogidas*, no capítulo dedicado à “La consciencia como problema de la psicologia del comportamiento”, nos revelou a intenção constante de Vygotsky (Tomo I, 2013) em compreender a sofisticação psíquica que envolvia a consciência humana e seus reflexos como valor científico metodológico.

A fim de identificar a realidade particularizada e apresentar a mediação pela ferramenta como fator fundamental para o desenvolvimento humano, o autor acredita que o sistema de análise psicológica adequado para desenvolver o conceito semiótico deve partir da teoria histórica de funções psíquicas superiores, as quais, por sua vez, é apoiada por uma teoria que responde a uma organização sistêmica e ao significado da consciência do homem (Vygotsky, Tomo I, 2013). Descrito estas primeiras impressões sobre consciência e funções psíquicas superiores, avançamos em direção a uma investigação que nos levasse aos estudos dos processos cognitivos, da origem da linguagem e das mudanças que ocorrem na psique durante o período de crescimento dos indivíduos uma vez que a mediação por meio de instrumentos e signos fundamentam o desenvolvimento das funções psíquicas e representam através da linguagem, a capacidade estritamente humana de expressar pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos. Entretanto, antes de abordarmos estes conceitos e generalizações, foi preciso retomar, a partir do capítulo “El problema da la conciencia” (Vygotsky, Tomo I), os papéis dos instrumentos e dos signos e quais seriam as suas possibilidades de representações simbólicos-mentais. Para Vygotsky (Tomo I, 2013), os instrumentos são mediadores entre as ações concretas do indivíduo e o mundo. Já os signos seriam mediadores entre o psiquismo e o mundo, que quando internalizados funcionam como mediadores semióticos dentro do nosso sistema psicológico.

### **Análise e discussão de resultados**

Dessa forma, para a teoria vygotkiana, a semiótica seria um agente mediador das representações do mundo, nos oferecendo sempre a lembrança da experiência anterior. Constatamos, portanto, a importância da língua e das palavras para o desenvolvimento do pensamento generalizante, cuja língua se encaixa com o pensamento e faz com que as relações dos indivíduos com o mundo sejam relações mediadas pela linguagem e seus

significados. No mesmo capítulo, ele aponta que: “O significado é o caminho do pensamento para a fala. O significado não é a soma de todas as operações psicológicas que estão por trás da palavra. O significado é algo mais definido: é a estrutura interna da operação do signo. É o que está entre o pensamento e a palavra. O significado não é igual à palavra, nem é igual ao pensamento”. (Vygotsky, Tomo 1, 2013, p. 75).

Para compreendermos melhor essas relações, foi preciso explorar questões fundamentais no campo dos planos genéticos descrito por Vygotsky, dando ênfase para os planos que atuam nas relações sociais e no campo da dialética: a sociogênese e a microgênese. Ambas, atuam como alargadoras das potencialidades humanas, na construção da singularidade e da heterogeneidade dos indivíduos e é onde, segundo Vygotsky (Tomo I, 2013), o desenvolvimento da linguagem antecipa a semiótica. Em estudos realizados juntamente com Luria, o autor afirma que o pensamento não pode ser expresso diretamente na palavra, pois ele é estruturado de outra maneira em relação a sua expressão através da fala. Todavia, continua o autor, o pensamento não é algo acabado, pronto para ser expresso. O pensamento precipita, executa uma determinada função, um certo trabalho. Este trabalho de pensamento, é a transição – através da construção dos significados – para o desenvolvimento do próprio pensamento correspondente, o que semioticamente podemos definir com uma conexão semântica atuando através da memória mediada (Vygotsky, Tomo I, 2013).

Sendo assim, podemos nos debruçar sobre a hipótese de que o caráter mediado das funções psíquicas em combinação com o método histórico-genético de Vygotsky, fundamenta a unidade principal da vida psíquica dos indivíduos, o que caracterizaria a perspectiva de uma teoria social de teor normativo pelo desenvolvimento cognitivo aprendente. A partir desta análise, podemos caracterizar o conceito de mediação semiótica de Vygotsky, como esquemas de valores universais, porque eles adotam metodologias que estudam cada fenômeno psicológico a partir de suas próprias histórias. Após inúmeras investigações, debates e experimentos, o autor afirma que as funções psíquicas se desenvolvem no curso da evolução histórica da humanidade e que os signos constituem um certo momento dessa evolução (Vygotsky, Tomo III, 2013). Vygotsky, então, descreve que são nesses processos de internalização que a consciência humana é mediada e formada com base no elementar por meio de signos, revelando, conforme um dos objetos de investigação desta pesquisa, a de que o pensamento amadurecido é frequentemente uma versão interior da arte do diálogo.

### **Considerações finais**

Retomando o fio da meada, o objetivo deste estudo foi delimitar conceitualmente a noção de mediação pela ferramenta presente nos escritos de Vygotsky. Neste sentido, foi reunido, *grosso modo*, fragmentos disponíveis em suas obras, para que pudéssemos traduzir e sintetizar essa noção de mediação, o que para esse autor subjaz a toda a sua concepção de desenvolvimento humano e que representa um aspecto fundador único em suas teses. Buscou-se entender o papel dos instrumentos (ou ferramentas) e dos signos, e como eles podem atuar

na gênese das funções psíquicas superiores a fim de produzir o desenvolvimento do pensamento. Encontramos, também, elementos teóricos que apontam para uma busca incessante do autor no sentido da identificação dos fenômenos psíquicos, os quais iriam desencadear processos de aprendizagem. O que nos leva a acreditar que suas investigações buscavam aprimorar os estudos sobre os processos cognitivos humanos na busca pela aquisição de conteúdos e na sistematização de conhecimentos. Conclui-se que quando a luta por autoconservação se impõe e se realiza, em determinadas estruturas socioeconômica, intensamente e com capacidade para suprimir a luta por reconhecimento (tal como exposta por Axel Honneth, pela sua reconstrução teórica hegeliana), a psicologia de L. V. Vygotsky é um valioso construto semântico para a elaboração de uma teoria social de teor normativo pelo desenvolvimento cognitivo aprendente no sentido de permitir a efetivação da autorrealização em termos de reconhecimento mesmo em meio à luta por autoconservação.

### **Referências bibliográficas**

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

VYGOSTKY, Lev Semenovich, *Obras Escogidas – I. El significado histórico de la crisis de la Psicología – Uma investigación metodológica*. Madri: Editora Antonio Machado, 2013.

\_\_\_\_\_. *Obras Escogidas – III. Problemas del desarrollo de la Psique*. Madri: Editora Antonio Machado, 2013.